

GT11: Antropologia das práticas esportivas e de lazer

Leonardo Turchi Pacheco, José Ronaldo Fassheber

O presente Grupo de Trabalho propõe dar continuidade e ampliar as reflexões realizadas em mais de vinte anos de reuniões anteriores da RAM e RBA nos diversos grupos de Antropologia das práticas esportivas e de lazer. Nesse sentido, tem por objetivo reunir antropólogos e demais cientistas sociais que realizam pesquisas no campo de estudos das práticas esportivas e do lazer. Os estudos desse campo antropológico permite diálogos e reflexões de dimensões plurais. Deste modo, as dimensões entre esporte, lazer e política; a defesa de direitos das práticas esportivas e de lazer de diversos grupos sociais e suas relações e articulações com a formação das identidades sociais (gênero, etária, étnica, nacional), as territorialidades urbanas e naturais, as maneiras de sociabilidade, as adaptações, as emoções e afetividades, as moralidades, a construção de corpos, a produção social de jogadores e atletas, a violência, o parentesco, os eventos e práticas esportivas ou de lazer englobam o escopo das investigações que constituem esse Grupo de Trabalho.

Valentia e ancestralidade - pressupostos para uma genealogia do boxe baiano

Autoria: Michel de Paula Soares

Na Bahia, tanto na capital como na região metropolitana e Recôncavo, o boxe é uma atividade popular, prática amplamente disseminada na paisagem, na música, na memória e na corporalidade soteropolitana (com a clara exceção das elites e da pequena classe média branca que vive em enclaves fortificados, seja na orla, seja em condomínios mais distantes da região central), encontrada em dezenas de bairros, favelas e quebradas. As teorias locais para a popularidade do boxe em Salvador, como escutei em meu trabalho de campo, revelam que a prática do boxe está intimamente associada à cultura da dança, ao carnaval popular dos blocos de rua (popularmente conhecidos como a "pipoca" do carnaval) e das práticas corporais populares do corpo, como a capoeira e suas ramificações, de uma forma mais ampla. Conforme escutei de um dirigente da Federação Baiana de Boxe, e meu principal anfitrião em Salvador, sobre a época em que viveu em São Paulo: "estranhei que o pessoal tinha dificuldade para fazer um ritmo de batucada no banco do ônibus; aqui em Salvador toda criança aprende algum tipo de ritmo desde que nasce, isso é fundamental para a aprendizagem do boxe". Assim, a partir de meus dados de campo, buscarei entender e analisar estas influências, saberes expressivos do cotidiano nos bairros populares, que indicariam uma pré-disposição à prática, aprendizagem e eficácia do boxe na Bahia - responsável pelas únicas duas medalhas de ouro do Brasil na modalidade. Ou seja, defenderei a tese, ainda provisória, de que sua genealogia está ancorada em performatividades de gênero e raça, incorporada no aspecto viril e guerreiro que atualiza e compõe modelos de dignidade da masculinidade negra dentro de um contexto urbano de racismo estrutural. Tudo isso regido pelo ideal heroico e universalizante que representa a prática olímpica da modalidade em questão. Em Arqueologia da Esquiva, minha tese em construção, busco contextualizar a formação de masculinidades racializadas no contexto urbano das metrópoles brasileiras, suas implicações e contradições que possibilitam a inserção de jovens - em sua maioria negros e periféricos - na prática do boxe. Desde as publicações de Loïc Wacquant (2002) a partir de uma academia em Chicago/EUA à etnografia de Osmundo Pinho (2017) em bailes de pagode baiano em Cachoeira/Bahia onde se dança "botando a base", sabemos que o boxe é uma modalidade atravessada por ideais de coragem, valentia corporal, simbólica e uma postura corporal agressiva, destemida e associada à favela, que mimetizada a violência sob a performance da ginga, da esquiva, da dança e do desafio.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

